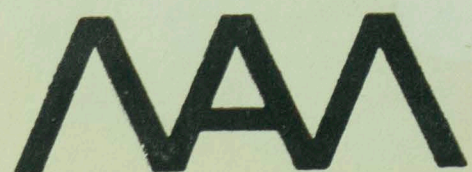




instituto de arte
contemporânea

Pintura de **Alan Davie**
Esculturas e artes gráficas de **E. Paolozzi**



museu de arte moderna do rio de janeiro

16 de janeiro a 16 de fevereiro 1964

Alan Davie

Pintura é atividade primitiva, uma das mais fundamentais para o homem, dentre as que se conhecem. O artista das cavernas, de quinze mil anos atrás, nos faz pensar na extrema antiguidade da pintura, tanto quanto a criança de hoje em dia é prova da qualidade duradoura da pintura e suas eternas razões. Alan Davie não é homem das cavernas nem criança, mas sua pintura tem mais a ver com a pintura das cavernas e a pintura infantil do que com qualquer arte do século XX. O espírito motor que se oculta atrás da arte de Davie não é tão diferente; porquanto Davie não se preocupa com a descrição e a pesquisa do mundo exterior - que muito pouco se impõe em sua pintura - nem cria êle harmonias platônicas de forma e côr, nem murais decorativos, nem equivalências abstratas, pictóricas para suas emoções. Êle está voltado para dentro; parece, no entanto, estar usando a arte com algum mágico e enfeitiçado propósito, tal como o bruxo curandeiro nas tribos primitivas, ou para empregar uma analogia, que Davie prefere, o sacerdote de Zen, que vive não para si exclusivamente, mas para a sociedade em geral. Alan Davie referiu-se a sua pintura como a impulso rumo à iluminação espiritual, uma tentativa para "despertar a faculdade de um conhecimento direto pela intuição". Não podemos explicá-lo facilmente, porque arte é "a evocação do inexpressável" e desafia tradução em palavras, excepto através de poesia. E um poema talvez nos desse o melhor comentário a respeito da obra de Davie. Ê, no entanto, evidente que no âmago de cada coisa surge o ato criador, quando o pintor aspira a um estado de arrebatamento de tão completa absorção em sua obra, que acaba por identificar-se com a pintura que cresce sob suas próprias mãos. Essa unidade de artista e pintura é destruída no momento em que o pintor para e a pintura se torna inapelavelmente externa. Mas, enquanto êle trabalha, tudo é - ou deveria ser - harmonioso, próximo do estado ideal de

"equilíbrio e claridade com preservação de energia vital, tal como mola pronta para saltar" ao qual aspira a pintura de Davie. A pintura de Davie é o que êle faz nesse estado - consciente a meias, meio inconsciente, equilibrando razão contra intuição, deliberação contra casualidade, improvisando sempre e mantendo a improvisação tal como o "jazzman" que êle foi uma vez. A pintura tem as côres brilhantes e a ornamentação esquematizada de boa parte da arte primitiva ou antiga. E, algumas vêzes, as fontes podem ser identificadas: da Índia, da Polinésia, do Egito e de Aurignac. Trata-se de uma afinidade deliberadamente escolhida e Davie sente a irresistível atração dessa arte; não pelo que representa como decoração, mas antes pelo encantamento que encerra. As imagens apresentam-se e são utilizadas adequadamente em cada quadro; emergem com uma força misteriosa e memorável, como o "Deus-peixe", ou o "Mago-Branco", a "Cornucópia" ou a "Árvore da Vida". As formas muitas vêzes encerram implicações obviamente sexuais e genésicas. Temos noção de um sentido oculto, que não conseguimos, porém, identificar. Isso, em parte, se deve ao fato de interpretarmos - tal como acontece com toda grande arte - de acôrdo com o que sentimos. Daí o sentido diferir para cada um de nós. Nos quadros de Davie vemos coisas acontecendo e formas e contornos expressivos emergindo. Parece sempre haver o embate, familiar também na vida, entre caos e ordem, uma composição arquitetônica racional e as recônditas forças anárquicas sempre ameaçando miná-la. Em seus trabalhos mais recentes, êsse conflito é menos angustiante e, por vêzes, nota-se uma nova tranquilidade, uma certa serenidade, que deve resultar de meditação mais profunda e total. E a beleza, vitalidade e originalidade dessas telas são tão intensas como sempre.

Alan Davie

Nasceu em Grangemouth, na Escócia, em 1920. Estudou no "Edinburgh College of Art". Feito seu serviço militar, tornou-se músico de jazz e ourives. Sua primeira exposição individual de pintura teve lugar em Edimburgo em 1946. Entre 1947 e 1949 viajou pela Europa. Em 1948 realizaram-se exposições de sua obra em Florença e Veneza. Em Londres, sua primeira mostra individual teve lugar em 1950; em Nova York, em 1956. De 1954 a 1957 deu aulas de pintura na Escola Central de Artes e Ofícios de Londres. Recebeu a "Gregory Fellowship" na Universidade de Leeds, em 1957. Uma retrospectiva de sua obra realizou-se na "Whitechapel Art Gallery", em Londres, em 1958. Em 1962 apresentou uma grande exposição individual nas Galerias da F. B. A., em Londres. A mesma mostra foi levada a Amsterdão, Oslo, Baden-Baden e Berna durante 1962-63. Desde 1950 sua obra tem sido apresentada em muitas mostras importantes no exterior, inclusive, "New Trends in British Art" em Roma, 1958 a "Documenta II", Kassel, 1959; Pintura e Escultura Européias Contemporâneas que percorreu os EE.UU. e Canadá, 1959-60; a Exposição Internacional de Pittsburgh, no Instituto Carnegie, 1961; a "Arte desde 1950", na Feira Mundial de Seattle, 1962; Arte Britânica Contemporânea, em excursão pelos EE.UU. em 1962-63. Foi apresentado também em muitas mostras organizadas pelo Conselho Britânico, inclusive integrando o setor britânico da Quarta e da Quinta Exposição Internacional de Arte de Tóquio e percorrendo o Japão em 1957 a 1959; Pintura Recente de Sete Artistas Britânicos, que percorreu a Austrália em 1959; Pintura Recente de Seis Artistas Britânicos, que percorreu a América Latina e a África Oriental em 1960-61; Pintura Britânica 1720-1960, em Moscou e Leningrado, 1960; Arte Britânica do Século XX, em Portugal, 1962; Pintura Britânica Contemporânea, percorrendo o Canadá, 1963-64. Entre as coleções públicas em que está representada a obra de Alan Davie contam-se a Galeria Tate e o Museu de Vitória e Alberto, em Londres; o Museu de Arte Moderna de Nova York; o Instituto Carnegie, de Pittsburgh; o Museu "Stedelijk" de Amsterdão; a Galeria Nacional da Austrália do Sul, em Adelaide; a Galeria Nacional de New South Wales, em Sydney.

- 1 Imagem do Deus-peixe 1956
122 x 152,5 cm
Coleção: British Council, London
- 2 Martírio de Santa Catarina 1956
183 x 244 cm
Coleção: Mrs Alan Davie, Hertford
- 3 Mago branco 1956
152 x 244 cm
- 4 Deusa da roda, janeiro 1960
122 x 305 cm
- 5 Retrato de um budista janeiro 1960
213,5 x 173 cm
Coleção: Mrs Alan Davie, Hertford
- 6 "Trio for bones" fevereiro 1960
213,5 x 366 cm
Coleção: Peter Gimpel, London
- 7 Trio da Estrêla Vermelha, maio 1960
213,5 x 366 cm
- 8 Cornucópia, junho 1960
213,5 x 173 cm
Coleção: Gimpel Fils, London
- 9 Sinais de Fumaça, n.º 1, outubro 1960
183 x 152,5 cm
Coleção: Mrs Alan Davie, Hertford
- 10 Natureza viva, outubro 1961
213,5 x 173 cm
Coleção: Mrs Alan Davie, Hertford
- 11 O jogo de Bili, n.º 2, março 1962
183 x 152,5 cm
- 12 Arvore da Vida n.º 1, março 1962
152,5 x 122 cm
Coleção: Mrs Alan Davie, Hertford
- 13 "Double Jive" junho 1962
152,5 x 183 cm
- 14 "Kicking the gong around" julho 1962
152,5 x 122 cm
- 15 Ovos de dragão variados, agosto 1962
152,5 x 183 cm
- 16 O cavalo que tem visões de imortalidade, março 1963
213,5 x 173 cm
Coleção: Mrs Alan Davie, Hertford

Eduardo Paolozzi

Alguns artistas-tidos como tal em sentido mais amplo-trabalham por redução, pela eliminação das camadas externas e dispensáveis, até atingirem um ponto em que sobra uma profissão de simplicidade e pureza e - pelo menos por intenção - de verdade absoluta. Outros trabalham por acréscimo, pela soma de significação a significação, até que sua afirmação final compreenda camadas de alusão e reverberem em níveis diversos. Eduardo Paolozzi pertence a esse último grupo de artistas. Paolozzi não é dado aos absolutos. Verdades finitas não têm lugar nos acontecimentos ocasionais de um mundo determinado pela teoria das probabilidades; o sentido das coisas muda de contornos de acordo com diferentes leis, odedecendo a confrontações diferentes. Paolozzi vê o processo criador como um período de refreada mudança entre um estado prévio não - artístico e um futuro imprevisível. O estúdio do artista seria, assim, uma espécie de cozinha, onde os ingredientes fôssem convenientemente combinados, postos uns frente aos outros, misturados e transmutados. Todo o trabalho mais expressivo de Paolozzi tem sido uma forma de "collage": em duas dimensões, ou três, ou, até mesmo como em seu filme "A História do Nada", em quatro. Os pontos de referência e as associações incluem o dadaísmo e os primeiros surrealistas. Relíquias e evidências que Paolozzi estudou em Paris em 1948; as imagens cinematográficas e os meios tons da impressão jornalística; a poética de Roussel; brinquedos de criança, objetos naturais, formas mecânicas de ferro-velho; ficção científica e a linguagem da tecnologia; o que ele chamou de "a imagem etnográfica". Apesar disso, se "objet trouvé" e "ready made" lhe deram ingredientes úteis e improvisação com um método, as associações de Paolozzi diferem, pelo menos quanto a um aspecto, das criações mais inconsistentes, muitas vezes intencionalmente fluidas, do dadaísmo e do neo-dadaísmo; recebem permanência e integridade física quando seus componentes, de um modo ou de outro, se fundem em novas entidades homogêneas. Paolozzi sempre oscilou entre polos opostos: a simplicidade e o refinamento, a pureza de

contornos e uma compulsiva perícia de texturas, a espontaneidade expressionista e o domínio arquitetônico, o mito e o mecanismo. Sua escultura divide-se em três períodos nítidos: o de 1948-52, quando estava deitando raízes; e de 1956-61, que representa um extremo de "collage" escultural; e o dos últimos dois anos, que compreende esculturas pré-fabricadas, "de bordas duras" para as quais foram especialmente projetados e fabricados os "ready made". Ao período intermediário pertencem as grandes cabeças deformadas, os grotescos monstros de entulho, os "animais" encrustados: resultados livremente conseguidos de uma série de impressões de objetos achados e fabricados, fervilham com alusões à flor da pele. Tal como os vestígios deixados na paisagem por estruturas e delimitações antigas, o refugio da civilização urbana, metamorfoseado pelo método "cire perdue", assume aqui a intemporalidade de um mundo fóssil; mas um mundo que conheceu Hiroshima e espera conhecer a prole dos computadores. Talvez descendentes das "Musas Inquietantes". Ultimamente, a verdadeira obsessão de Paolozzi pelas formas reincidentes e pela lucidez anônima de um mecanismo de precisão levou-o à criação de toda uma série de componentes radicalmente novos, concebidos e realizados para montagem direta em muitas combinações e permutações, por soldagem e métodos semelhantes de estruturação. Os arcaços resultantes apresentam, inevitavelmente, uma gravidade hierática e arquitetônica que os distancia da obra anterior de Paolozzi. São perturbadores, quanto mais não fôssem, pelo fato de sua semelhança com altares de aço inoxidável, máquinas automáticas, molduras de lareira, monumentos, ser tão evidentemente não - funcional. Caberia ainda concentrar-se no elemento antropomórfico de peças como os Idolos Hermafroditas e o grotesco "Bispo de Kuban". "A ordem racional no mundo tecnológico" escreveu Paolozzi, "pode ser tão fascinante como os fetiches de um curandeiro do Congo". Paolozzi, de fato, é um criador de tótems.

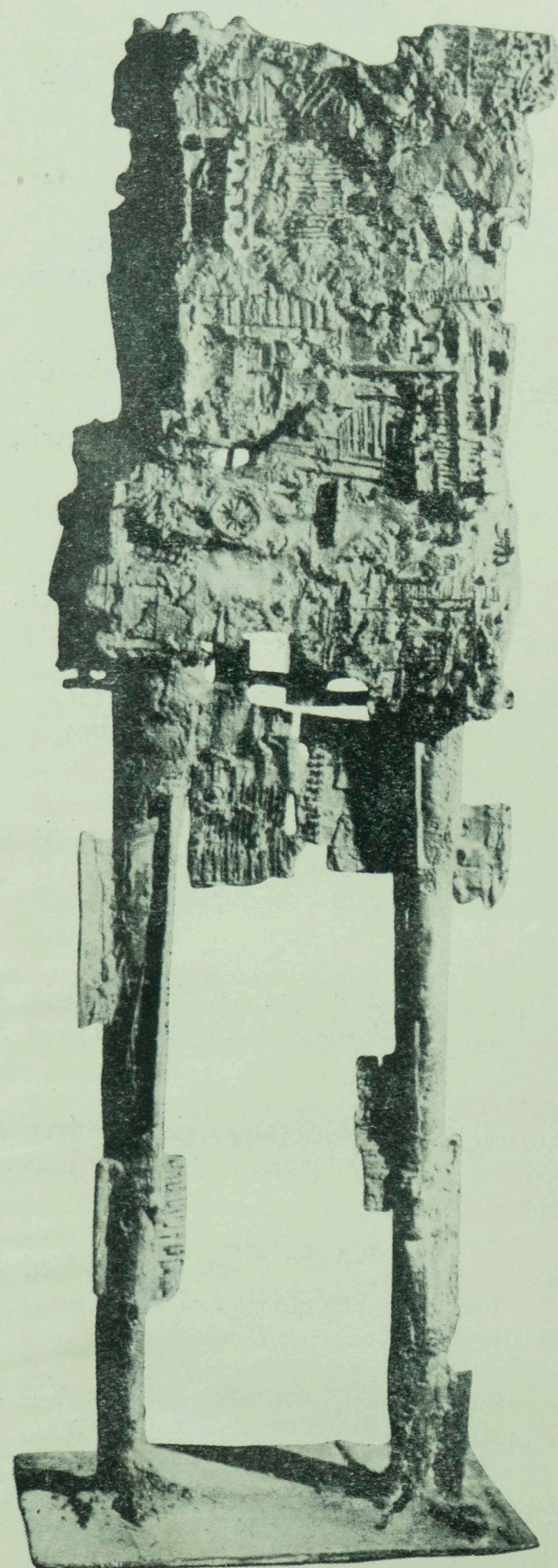
Michael Middleton, 1963

E. Paolozzi

Nasceu em Edimburgo em 1924. Estudou no "Edinburgh College of Art" e na "Slade School of Fine Arts" de Londres. Sua primeira exposição individual em Londres teve lugar em 1947; em Nova York, em 1960. Entre 1949 e 1955 deu aulas de desenho para técnicos na Escola Central de Artes e Ofícios de Londres. De 1960 a 1962 foi professor convidado na "Hamburg Hochschule". Em 1951, executou duas encomendas para o Festival da Grã-Bretanha e, em 1953, desenhou uma fonte para um novo parque em Hamburgo. Foi-lhe conferido em 1953 o Prêmio dos Críticos Britânicos e, no mesmo ano, foi finalista numa competição, a do "Prisioneiro Político Desconhecido". Obteve o Prêmio da Fundação David E. Bright para "o melhor escultor de menos de 45 anos", na XXX Bienal de Veneza, em 1960, quando uma retrospectiva de suas esculturas e desenhos, organizada pelo Conselho Britânico, constou do Pavilhão Britânico. Essa Exposição foi depois levada à Iugoslávia, França, Holanda, Alemanha, Bélgica, Noruega e Dinamarca, em 1960-62. Dentre importantes exposições no exterior, nas quais suas obras foram exibidas, destacam-se as exposições ao ar-livre em Sonsbeek, em 1958, e no Parque Middelheim de Antuérpia, em 1959; a "Documenta II"; Arte desde 1945, Kassel, 1959; a "Novas Imagens do Homem", do Museu de Arte Moderna, em Nova York e Baltimore, 1959; Pintura e Escultura Européias, Contemporâneas, que percorreu os EE.UU. em 1959-60; Arte Britânica Contemporânea, realizada em São Francisco e que depois percorreu os EE.UU., 1962-63; a Quinta Exposição de Artes Gráficas, Ljubliana, 1962. Participou de muitas exposições organizadas pelo Conselho Britânico, entre elas a de Escultura Recente, no Pavilhão Britânico na XXVI Bienal de Veneza, 1952; Jovens Escultores Britânicos, que percorreu a Suécia em 1957; Dez Escultores Britânicos Jovens, Setor Britânico da IV Bienal de São Paulo, 1957; mostra levada a outros países da América Latina no ano seguinte; Setor Britânico da II e da III Bienal da Arte Gráfica, Tóquio, 1960 e 1962; Escultura Britânica Recente, que percorreu a Commonwealth em 1961-64; Arte Britânica do Século XX, Portugal, 1962; Setor Britânico da VII Exposição de Arte

Internacional de Tóquio, percorrendo o Japão em 1963. Paolozzi figura em muitas coleções públicas, entre as quais a Galeria Tate de Londres; o Museu de Arte Moderna e o Museu Guggenheim, de Nova York; a Galeria de Arte Albright, de Buffalo; o Instituto de Arte Contemporânea de Minneapolis; o Museu de Artes Contemporâneas de Dallas, Texas; o "Rijksmuseum" Kroller-Muller, Otterloo; a Galeria Nacional de Arte Moderna de Roma; e o Museu de Belas Artes de Madrid.

- | | | | |
|----|--|----|--|
| 1 | Formas em arco 1949
Bronze 63,5 cm | 13 | Idolo hermafrodita n.º 1 1962
Alumínio 183 cm |
| 2 | Herói grego 1957
Bronze 173 cm
Coleção: Mrs Freda Paolozzi, Essex | 14 | Idolo hermafrodita n.º 2 1962
Alumínio 193 cm |
| 3 | O sapo grande (nova versão) 1958
Bronze 81,5 cm
Coleção: British Council, London | 15 | O Bispo de Kuban 1962
Alumínio 209,5 cm |
| 4 | Animal ferido 1958
Bronze 68,6 cm
Coleção: Mrs Freda Paolozzi, Essex | 1 | Máscara 1957
Colagem 68,5 x 50 cm
Coleção: British Council, London |
| 5 | Figura 1958-59
Bronze 221 cm | 2 | Estudo para São Sebastião 1957
Colagem 51,5 x 25,5 cm
Coleção: British Council, London |
| 6 | AG5 1959
Bronze 104 cm | 3 | Figura de motor 1958
Silkscreen 56 x 38 cm
Coleção: British Council, London |
| 7 | Electra 1960
Bronze 85 cm
Coleção: Lady Hulton, London | 4 | "Locomotivo" 1/10 1962
Silkscreen 35 x 44,5 cm |
| 8 | Tôrre tirânica 1961
Bronze 183 cm
Coleção: Mrs Keiller, Kingston | 5 | 4 Flagrantes da História do Nada 1/40 1962
Silkscreen 50 x 35 cm |
| 9 | Konşul 1962
Bronze de canhão e Latão 255 cm | 6 | 2 Flagrantes da História do Nada 1962
Colagem 26,5 x 16,5 cm e 23,5 x 19 cm |
| 10 | "Markoni capital" 1962
Bronze de canhão e Latão 226 cm | 7 | 2 Flagrantes da História do Nada 1962
Colagem 19,5 x 14,5 cm e 21,5 x 16 cm |
| 11 | Marte modificado 1962
Alumínio 160 cm | 8 | "Auto-cabeça" 1/10 1954-63
Silkscreen 53,5 x 31 cm |
| 12 | As tôrres gêmeas do Estado-esfinge 1962
Alumínio 171,5 cm | 9 | Herói como enigma 1/10 1963
Silkscreen 66 x 44 cm |
| | | 10 | A metalização do sonho 1963
Silkscreen 51 x 48 cm |



Eduardo Paolozzi 2
Herói grego 1957

instituto de arte contemporânea

instituto de arte contemporânea

alan davie